



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fausp e prolam

A CONTRIBUIÇÃO DE ARCHIMEDES DUTRA PARA O NEOCOLONIAL EM PIRACICABA

*THE CONTRIBUTION OF ARCHIMEDES DUTRA TO NEOCOLONIAL IN
PIRACICABA*

*LA CONTRIBUCIÓN DE ARQUÍMEDES DUTRA AL NEOCOLONIAL EN
PIRACICABA*

EIXO TEMÁTICO 1

CACHIONI, Marcelo

Pós Doutor; UniEinstein Limeira
mcachioni@gmail.com



A CONTRIBUIÇÃO DE ARCHIMEDES DUTRA PARA O NEOCOLONIAL EM PIRACICABA

RESUMO

O Neocolonial em Piracicaba é singular por envolver construtores e profissionais de diversas áreas, em contraste com outras correntes estilísticas lideradas por arquitetos reconhecidos. O artista plástico Archimedes Dutra foi responsável por duas obras neocoloniais notáveis na cidade. A primeira, a sede da Sociedade Beneficente "13 de Maio", reflete influências do barroco brasileiro e do período colonial. A segunda, a reforma do palacete da família Morganti, introduziu elementos decorativos luso-brasileiros em um contexto industrial. Dutra, descendente de uma família de artistas e autor de uma tese sobre arte em Piracicaba, era autodidata, já que não teve formação formal em Arquitetura. As obras neocoloniais da cidade ainda precisam de mais estudos para serem compreendidas em sua totalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Neocolonial. Patrimônio Cultural. Piracicaba.

ABSTRACT

The Neocolonial in Piracicaba is unique in that it involved builders and professionals from a variety of fields, in contrast to other stylistic movements led by renowned architects. The artist Archimedes Dutra was responsible for two notable neocolonial works in the city. The first, the headquarters of the Sociedade Beneficente "13 de Maio", reflects influences from the Brazilian Baroque and the colonial period. The second, the renovation of the Morganti family mansion, introduced Portuguese-Brazilian decorative elements into an industrial context. Dutra, a descendant of a family of artists and author of a thesis on art in Piracicaba, was self-taught, as he had no formal training in architecture. The city's neocolonial works still require further study to be fully understood.

KEYWORDS: Neocolonial Architecture. Cultural Heritage. Piracicaba.

RESUMEN

El neocolonial en Piracicaba tiene la particularidad de involucrar a constructores y profesionales de diferentes áreas, a diferencia de otros movimientos estilísticos liderados por arquitectos de renombre. El artista visual Arquímedes Dutra fue responsable de dos notables obras neocoloniales en la ciudad. La primera, sede de la Sociedad de Beneficencia "13 de Mayo", refleja influencias del barroco brasileño y del período colonial. La segunda, la renovación de la mansión de la familia Morganti, introdujo elementos decorativos luso-brasileños en un contexto industrial. Dutra, descendiente de una familia de artistas y autor de una tesis sobre el arte en Piracicaba,



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

fue autodidacta, ya que no tuvo una formación formal en Arquitectura. Las obras neocoloniales de la ciudad aún requieren mayor estudio para ser comprendidas en su totalidad.

PALABRAS-CLAVE: *Arquitectura neocolonial. Herencia cultural. Piracicaba.*



INTRODUÇÃO

Ao contrário de outras correntes estilísticas, introduzidas por arquitetos de relevância estadual e nacional, o Neocolonial em Piracicaba - SP se destaca pela participação de construtores e outros profissionais de outras áreas na elaboração de seus projetos. Nesta linha, duas das mais relevantes edificações neocoloniais piracicabanas foram projetadas por um artista plástico, Archimedes Dutra.

A primeira obra estudada, a sede definitiva da Sociedade Beneficente “13 de Maio” traz as características e elementos do repertório luso-brasileiro, supostamente pela alusão ao passado histórico do período da introdução dos povos de origem africana no Brasil, talvez desprovido de revisão crítica, ou mesmo reportando à contribuição africana ao barroco brasileiro.

A segunda obra, a reforma do palacete da família Morganti na área patronal da Usina Monte Alegre, introduziu elementos decorativos característicos de quintas portuguesas em uma antiga sede de fazenda colonial, cercada por edificações industriais, colônias operárias vernaculares de tradição colonial e, por outras obras ecléticas de influência italiana, como a escola neoclassicista e a capela neorromânica decorada por Alfredo Volpi e uma equipe igualmente itálica.

Archimedes Dutra, membro proeminente de uma família de artistas descendentes do célebre artista ituano Miguel Archanjo Benáicio D’Assumpção Dutra, o primeiro construtor vinculado ao Barroco na cidade, era profundo conhecedor da obra do seu bisavô, inclusive compartilhado em sua tese de doutorado “A contribuição de Piracicaba na Arte Nacional”, apresentada à Esalq USP em 1972. Integrou também uma das primeiras turmas do corpo docente da FAU USP, na disciplina de Desenho Artístico, antes da reforma curricular da década de 1960.

Com o presente estudo, almeja-se compreender, a partir de sua formação educacional e artística, a contribuição do artista plástico Archimedes Dutra, como autor dos dois projetos, de maneira inteiramente autodidata, uma vez que não possuía formação em Arquitetura, mas em Artes Plásticas pela Accademia di Belle Arti de Roma.

As obras neocoloniais de Piracicaba carecem de aprofundamento de estudos. Apesar das obras com enfoque neste estudo serem já tombadas em nível municipal e estarem em processo de tombamento em nível estadual, há apenas outro edifício escolar neocolonial tombado em Piracicaba, havendo ainda residências deste estilo remanescentes, sendo que duas obras que foram tombadas tiveram seus decretos revogados e acabaram demolidas.

Pretende-se analisar as duas obras, por meio da comparação de elementos decorativos, para verificar traços comuns entre as duas obras e identificar a interpretação particular



do autor sobre a arquitetura Neocolonial a partir de sua participação da Exposição do Mundo Português em 1940 e pela inspiração em publicações de Raul Lino, Felisberto Ranzini e Luiz Muzi.

ARCHIMEDES DUTRA, O PROJETISTA AUTODIDATA.

Archimedes Dutra nasceu em 06 de junho de 1908 na cidade de Piracicaba em São Paulo, numa família de artistas: filho do pintor Joaquim Miguel Dutra e de Malvina de Almeida Dutra, era irmão dos igualmente pintores, Alípio, João e Antonio de Pádua, entre outros. Atuou nas áreas da cultura, educação e política no Estado de São Paulo, tendo sido pintor, literato e professor, formado pela antiga Escola Normal, atual E.E. ‘Sud Mennucci’, em 1927. Dois anos depois, em 1929, conquistou o primeiro lugar em concurso e tornou-se professor da então Escola Normal de São Carlos, Atual E. E. Dr. “Álvaro Guião”. Combatente, em 1932 desenhou, com o irmão Antonio de Pádua, a capa do “Manual de Campanha do Voluntário Constitucionalista”. Entre 1935 e 1944, trabalhou na Esalq USP e na Escola Normal “Sud Mennucci” (Mello, 1999; Gutierrez, 2000; Velloso, 2000).

Excelente desenhista e aquarelista, as paisagens foram o seu maior destaque em sua extensa obra. Sempre muito exigente, acreditava que, para cada quadro eram necessários cerca de 10 desenhos como estudo. Expôs com os irmãos em São Paulo, em 1935 e 1945, em várias coletivas no Rio de Janeiro, São Paulo, Roma, Nova York, Lisboa, Paris e dezenas de vezes, em diferentes Salões de Arte no Brasil. Tem obras no acervo de museus, pinacotecas e palácios do Rio de Janeiro, São Paulo, em galerias particulares e oficiais, nacionais e estrangeiras. Foi patrono de vários salões e premiado de diferentes formas, inclusive a Medalha de Ordem do Mérito Ipiranga, conferida pelo Governador de São Paulo (Mello, 1999; Gutierrez, 2000).

Em concurso realizado em 1939, recebeu o prêmio ‘Aperfeiçoamento Artístico’¹, instituído pelo Governo de São Paulo, com viagem à Europa. Foi o único representante da arte contemporânea do Brasil na Exposição do Mundo Português, realizada em Lisboa no ano de 1940. Esta Exposição é considerada uma das maiores iniciativas político-culturais do Estado Novo português, em razão dos meios empregados e do seu

¹ Ganhou também os seguintes prêmios no Salão Paulista de Belas Artes: Menção Honrosa em 1935, Medalha de Bronze em 1948, Grande Medalha de Prata em 1939, Segundo Prêmio ‘Governador do Estado de São Paulo’ em 1951, Prêmio ‘Prefeitura de São Paulo’ em 1954, Pequena Medalha de Ouro em 1957, Prêmio Caixa Econômica Federal em 1963 e Grande Medalha de Ouro em 1979. Recebeu também medalhas de ouro, prata e bronze, menções e prêmios no salão Paulista e em outros Salões de Arte do interior. Recebeu todas as Medalhas e Prêmios do Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, inclusive a Grande Medalha de Ouro em 1943. Em 1949, recebeu homenagem da Assembleia Legislativa de São Paulo pelos trabalhos prestados às artes brasileiras na Europa (Gutierrez, 2000).



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

significado ideológico. Foi promovida em 1940, na conjuntura de uma dupla comemoração: oito séculos após 1140, data da independência e três séculos passados da Restauração da autonomia portuguesa. A Exposição foi montada em Belém à beira do Rio Tejo, composta pelos segmentos de História, Etnografia e do Mundo Colonial. Dentre os diversos pavilhões destacavam-se: da Honra e de Lisboa, de Cristino da Silva; da Fundação, Formação e Conquista, da Independência, dos Descobrimentos, de Porfírio Pardal Monteiro; da Colonização, dos Portugueses no Mundo, José Angelo Cottinelli Telmo e, ligada a este o Pavilhão de Portugal de 1940, dirigido por António Ferro; de Etnografia Metropolitana com a Reconstrução das Aldeias Portuguesas, de Jorge Segurado; da Vida Popular, de Vitorino António Veloso Reis Camelo; o Colonial com a reprodução da vida ultramarina e; o Pavilhão do Brasil com projeto do teórico da “Casa Portuguesa”, o arquiteto Raul Lino da Silva, que pretendia refletir o “glorioso prolongamento da nossa civilização atlântica”. Do conjunto era passada a imagem de Portugal como líder de um importante império e dono de um passado glorioso, onde junto da Torre de Belém, foi montada uma caravela, de responsabilidade do cineasta José Leitão de Barros e do artista plástico Jaime Martins Barata, e também o “Padrão dos Descobrimentos” que, simbolicamente encerravam a exposição. A direção e o planeamento do evento foram entregues a José Angelo Cottinelli Telmo (1897-1948), um artista e cineasta, reconhecido, sobretudo pela sua obra arquitetônica. Na realização da exposição, trabalhou a maioria dos modernistas portugueses: 12 arquitetos, 19 escultores e 43 pintores, numa época em que Portugal aparentava alheio do restante da Europa, em meio à Segunda Guerra Mundial. Destaca-se neste ponto, um dos objetivos do evento, que era demonstrar a eficácia do regime governante, mantendo o país distante longe dos problemas mundiais, numa pretensa atmosfera de progresso e de prosperidade (Sequeira, 1956; Trindade, 2025).

Profundo admirador do Barroco tardio das obras do seu bisavô Miguelzinho Dutra e do colonial luso-brasileiro, que inspirou muitas de suas pinturas em Ouro Preto, foi exatamente na Exposição do Mundo Português em Lisboa que Dutra tomou contato com o repertório dos arquitetos influentes no período, como Raul Lino, cujos projetos publicados em obras como “Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples” foram reinterpretados no seu particular neocolonial, que inclui a reforma do Palacete da Família Morganti, na antiga Usina Monte Alegre e, o projeto da Sede da Sociedade Beneficente “13 de Maio”. O artista também desenvolveu os projetos para o Pavilhão da Engenharia e do Mausoléu de Luiz de Queiroz no Campus da Esalq USP e do antigo Marco da Bandeira na Praça José Bonifácio (já demolido), estes no estilo Art-déco. Existem registros de sua participação nos estudos para o projeto do Estádio Municipal “Barão de Serra Negra”² (Mello, 1999; Gutierrez, 2000).

² Além dos projetos arquitetônicos, Dutra é autor dos desenhos da bandeira da Esalq e do Brasão de armas de Piracicaba (Mello, 1999).



Figura 1 – Autorretrato de Archimedes Dutra. Fonte: “Piracicaba, a Florença Brasileira” (2017).

Ainda na Europa, participou da mostra coletiva *Opere d'Arte*, realizada na ‘*Cità Universitaria*’ em Roma. Uma das suas grandes atuações foi a sua participação pela introdução do Desenho Pedagógico nas Escolas Normais, junto ao seu irmão Antônio de Pádua. Por consequência, foi convidado pelo Dr. Ernesto de Souza Campos, então Ministro da Educação, para traçar novos programas de ensino de desenho para as escolas de ensino médio. No ano de 1947 recebeu a primeira classificação, entre 300 candidatos, com direito a ingressar já no quarto ano do curso como acadêmico na *Accademia di Belle Arti* de Roma e, em 1948, diplomou-se também com a primeira colocação de sua turma (Mello, 1999; Gutierrez, 2000; Elias Netto, 2017).

Como Artista Plástico diplomado em nível superior, integrou uma das primeiras turmas do corpo docente da FAU USP lecionando Desenho Artístico, em 1950, antes da reforma curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo, na década de 1960. Neste



período, em 1955, Eurípedes Simões de Paula, diretor da FFCL da USP, convidou-o para organizar um programa de ensino de Desenho para a Universidade, a partir de seu excelente conhecimento em desenho geométrico, geometria descritiva e perspectiva. Em ascendente pertígio, em 1958 espôs na Fundação Guggenheim de Nova York.

Com o tema “A Contribuição de Piracicaba para a Arte Nacional”, Archimedes Dutra defendeu, em 1972, sua tese de doutorado na Esalq USP, onde lecionava no extinto curso de Ciências Domésticas. O seu trabalho apresenta, em vários capítulos, informações sobre a vida e a obra de Miguel Dutra, a partir do acervo familiar. Foi organizador e responsável pela criação e instalação da Escola Superior de Artes Plásticas de Piracicaba (extinta), inclusive da elaboração e redação do regimento interno, de acordo com a portaria municipal nº466, de 26 de setembro de 1974. Na área cultural, também fundou e foi o primeiro presidente da Escola de Música de Piracicaba, no ano de 1953, exercendo a função até 1956 (Mello, 1999; Gutierrez, 2000).

Politicamente, trabalhando no gabinete do Prefeito Luciano Guidotti, auxiliou na idealização de vários outros projetos, entre eles: criação do Salão de Belas Artes de Piracicaba em 1953; e no contexto das comemorações do Bicentenário de Piracicaba, que presidiu, desenhou a medalha comemorativa; foi membro do Primeiro Conselho de Curadores da Fundação Municipal de Ensino de Piracicaba, por nomeação do prefeito Guidotti, em 1967; participou da criação da Casa das Artes Plásticas ‘Miguel Archanjo Benício D’Assunção Dutra’ (atual Pinacoteca) e; ativamente articulou a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba na mesma data, a partir da reintegração e recuperação de arquivos e documentos que estavam sendo descartados (Mello, 1999; Gutierrez, 2000). Também integrou a primeira composição do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba - Codepac em 1979 (Elias Netto, 2017).

Archimedes Dutra ainda orientou, a pedido da prefeitura de Piracicaba, a repintura do Passo do Senhor do Horto, capela edificada por Miguelzinho Dutra, no final de década de 1970. Sua atuação foi polêmica, uma vez que afirmava ter se baseado em originais deixados pelo autor em posse da família, não apresentados ao órgão estadual, os quais foram questionados pelos técnicos do Condephaat em 1978 (Condephaat, 16/5/1978, p. 198). De fato, o esquema de cores apresentado, com tonalidades azuis nas portas, não foi comprovado em prospecções realizadas na restauração em 2014.

Casado com D. Zoraide M. de Almeida Dutra, residia à Rua XV de Novembro, 1512, imóvel eclético também tombado pelo município. O casal não teve filhos e, após seu falecimento em 1º de julho de 1983³, sua viúva doou seu acervo ao Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes”.

³ Sua biografia integra livros nacionais e internacionais, inclusive a grande Enciclopédia Delta Larousse, Pequena História das Artes no Brasil, Artistas Pintores Contemporâneos de SP, História da Pintura no Brasil, Dicionário de Artes Plásticas no Brasil, Catálogo geral dos Artistas da Pinacoteca do Estado, entre outros.



O projeto da Sociedade Beneficente “13 de Maio”

Para compreender como se deu a construção do edifício, brevemente expõe-se um pequeno resumo histórico sobre a formação do grupo societário com relação à realização de sua sede definitiva.

Em 13 de maio de 1901, comemorando o aniversário da Lei Áurea, foi fundada a Sociedade Beneficente ‘Antônio Bento’, cujo nome homenageava o abolicionista Dr. Antonio Bento de Souza e Castro. A sociedade foi criada na casa de Zacharias David, na Rua Benjamim Constant, com 31 participantes, tendo sido eleito presidente Luiz Araújo. Depois de alguns meses de atividades, a sociedade passou a ter participação em desfiles oficiais juntamente com outras agremiações da cidade. Com o crescimento do número de associados, fez-se necessária também a ampliação do atendimento aos mais carentes. Em 1907, numa reunião no Largo da Santa Cruz, foi instituída a Sociedade Beneficente ‘13 de Maio’, no modelo das sociedades de socorros mútuos dos italianos, espanhóis e sírio-libaneses. Como objetivo principal, a união contra a injustiça e repressão. Para obtenção de recursos, os integrantes passaram a organizar festas públicas no Largo da Santa Cruz ou no pátio da Esalq, com apresentações de música, cateretê, cururu, caninha-verde, além das vendas de doces e salgadinhos em barraquinhas (Elias Netto, 2000; Cachioni, 2011).

A S. B. ‘13 de Maio’, antes da construção de sua sede definitiva, funcionou na casa de Totó Miguel, na Rua do Rosário, onde eram feitas festas pra gerar receita; depois em casa alugada na Rua Voluntários de Piracicaba; na Rua Benjamim Constant e de volta à Rua Voluntários, na esquina da Av. Armando de Salles Oliveira (Cachioni, 2011).

A nova sede foi construída a partir de 1943 com o apoio financeiro arrecadado pelo Prof. Silvio de Aguiar Souza, no valor de 7 mil cruzeiros entregue ao presidente da sociedade Benedito Anastácio. O artista plástico Archimedes Dutra é o autor do projeto do edifício, que teve o apoio do Prefeito Fernando Febeliano da Costa e dos empresários: Mario Dedini, Pedro Ometto e Lino Morganti, este com a doação de tijolos e, de Jean Balbaud, antigo gerente do Engenho Central, que ofereceu o madeiramento e cobertura do prédio (Elias Netto, 2000; Cachioni, 2011).

A obra, liderada por Anastácio Vieira, levou cinco anos, com a inauguração ocorrida em 1948 e, desde então, o espaço passou a ser utilizado para o lazer, com bailes e atividades que buscam preservar a cultura afro-brasileira (Elias Netto, 2000; Cachioni, 2011).

A participação de Archimedes Dutra no projeto da S. B. “13 de Maio” deve-se, principalmente, à sua amizade com o Prof. Silvio de Aguiar Souza, do qual foi colega de trabalho da Escola Normal “Sud Mennucci”, que o convidou para a tarefa, levando-se em conta o caráter voluntário de todos os envolvidos na obra, que foi custeada a partir da doação dos principais empresários da cidade, no período.

É possível especular algumas hipóteses para a escolha do estilo neocolonial para a obra. Dutra havia participado da Exposição do Mundo Português em 1940 onde tomou contato com obras do arquiteto Raul Lino da Silva; também pode, a partir do interesse pelo repertório luso-brasileiro, ter consultado obras de outros profissionais como Felisberto Ranzini, inclusive publicadas por Luiz Muzi no livro “Arquitetura e Construções”, onde há uma fachada residencial que apresenta frontão bastante semelhante ao executado, na página 60. Porém, a escolha de elementos presentes no repertório luso-brasileiro para uma agremiação cultural afro-descendente é intrigante, pois não se sabe se a escolha estava acompanhada de revisão crítica pela contribuição dos africanos na arte Barroca no período colonial e na construção civil, que possibilitou a consolidação da arquitetura luso-brasileira em termos de mão-de-obra e de artífices. Cabe lembrar aqui também, que a família de Archimedes Dutra é fruto de miscigenação, uma vez que Thomaz da Silva Dutra, pai de Miguel Dutra era mestiço de pai português de origem holandesa e mãe de origem africana.



Figura 2 – Sociedade Beneficente “13 de Maio”. Fonte: Marcelo Cachioni (2008).

O sobrado é composto por fachada simétrica, com o térreo dividido em três partes, sendo a central, marcada pela portada ladeada por dois óculos verticais e duas alas com três janelas de abrir com bandeira envidraçada, em arcos abatidos, incomuns ao repertório neocolonial, geralmente com esquadrias em guilhotinas ou venezianas. O pavimento superior é dividido em cinco partes, sendo três delas, de frente para o alpendre balaustrado: a central marcada pela portada semelhante e alinhada a do térreo, que é coroada por um frontão de inspiração barroca, onde se destaca um óculo cego quadrilobado e dois pináculos; nas laterais, mais duas portas de duas folhas dão acesso



ao alpendre; nos extremos, a fachada superior se completa com as alas restantes, avançadas até o alinhamento, iluminadas por mais dois óculos quadrilobados. A cobertura é arranjada de beiral com várias águas com telhas do tipo capa e canal. Pisos de ladrilhos hidráulicos em xadrez de vermelho e branco ou cinza e branco, mais os gradis em ferro forjado, também compõem os acabamentos internos.

Destaca-se a ornamentação das janelas e portadas, representantes da arquitetura portuguesa e, não necessariamente características da residencial colonial luso-brasileira, muito próximas das encontradas nos exemplos publicados no livro “Casas portuguesas” de Raul Lino, ainda que a execução deixe muito a desejar e, também nos ornamentos publicados por Felisberto Ranzini no livro “Estylo Colonial Brasileiro”, reproduzidos por Luiz Muzi nas páginas finais da publicação “Arquitetura e Construções”.

A planta desenvolve-se com a área administrativa, salas para atividades, o amplo salão com palco e bar, além dos sanitários no sobrado, cujo acesso entre os pavimentos se dá por um salão ligado ao vestíbulo que distribui, através de uma arcada, para os demais espaços e para a escadaria lateral. Ligado ao sobrado, o grande galpão anexado na parte de trás, construído para a realização de eventos e bailes.

O edifício foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba por meio do Decreto nº 10.180 de 06 de janeiro de 2003 em reconhecimento ao seu valor histórico e cultural ao povo piracicabano e, também se encontra em processo de tombamento no Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

O projeto de reforma do Palacete Morganti na Usina Monte Alegre

Para compreender o motivo da realização das obras no palacete, brevemente expõe-se um pequeno resumo histórico sobre a Usina Monte Alegre.

Em meados de 1804, o padre Joaquim do Amaral Gurgel formou a Fazenda Monte Alegre para cultivar cana-de-açúcar e estabelecer um engenho. Em 1816, a fazenda foi vendida para o dr. Nicolau de Campos Vergueiro e o brigadeiro Luiz Antônio de Souza, formando a sociedade 'Vergueiro & Souza', que abrangia regiões que hoje vão de Campinas a Araraquara. Após a morte do brigadeiro em 1819, sua viúva, D. Genebra de Barros Leite, casou-se com José da Costa Carvalho, que se tornou governador da Província e Marquês de Monte Alegre. Com a morte de D. Genebra, Costa Carvalho ficou com as terras, incluindo Monte Alegre, Taquaral e Limoeiro (Cachioni, 2022).

O engenho teve sucesso na produção de açúcar, mas após a morte do Marquês de Monte Alegre em 1860, suas terras foram herdadas por sobrinhos, pois ele não tinha filhos. O



Engenho Central de Monte Alegre foi instalado em 1887 por seus herdeiros Pedro Augusto e Rita Angélica da Costa Silveira, mas após a morte de Costa Silveira, a fazenda e o engenho central foram vendidos, tendo sido negociados várias vezes por diversos grupos societários (Cachioni, 2022).

Depois de três distintas administrações, a grande expansão da usina só aconteceu após ser adquirida pela ‘Cia. União dos Refinadores’ em 1910, quando começou a produzir açúcar de alta qualidade, tornando-se uma das principais usinas do Brasil, sob o comando de Pedro Morganti e José Puglisi Carbone. Em 1915, Morganti organizou a Refinadora Paulista S. A. e propôs a fusão com a Cia. União Agrícola para reduzir custos e melhorar a administração. Neste contexto, Morganti passou a ter o controle acionário sobre a Usina Monte Alegre e se mudou com a família para a sua área patronal, onde viveu até falecer em 1941 (Cachioni, 2022).

A sede da antiga fazenda colonial foi no decorrer do tempo, cercada pelas edificações industriais da Usina Monte Alegre, além das colônias operárias vernaculares de tradição colonial e, por outras obras ecléticas de influência italiana, como a escola neoclassicista e a capela neorromânica decorada por Alfredo Volpi e uma equipe igualmente itálica, tornando a escolha na reforma do palacete uma novidade, pois próximo ao palacete há outra residência contruída na década de 1920, em estilo Eclético.

Sobre o Palacete dos Morganti, inicialmente havia uma casa térrea colonial que servia como sede da fazenda Monte Alegre, registrada por Miguelzinho Dutra em uma aquarela de 1845, originalmente cercada por edificações que cumpriam com o agenciamento da antiga fazenda, como as antigas senzalas, colônias, estábulos, terreiro e o primitivo engenho de açúcar. Posteriormente modificada, esse trecho da fazenda foi convertido na área patronal da usina, que serviu de moradia para a família do com. Pedro Morganti, formada por uma extensa área ainda arborizada, onde também se forma um lago, além das edificações residenciais, de lazer e de serviços.

Segundo Marisa Morganti Falangue, neta do com. Morganti, em depoimento a João Nassif:

Após a morte de Pedro Morganti os filhos decidiram reformar a casa sede da fazenda e transforma-la em outra que pudesse abrigar, confortavelmente, todas as famílias dos irmãos e de personalidades em visita a Usina. Essa reforma foi feita de forma radical, onde foi contratado o serviço arquitetônico do ilustre professor Archimedes Dutra. Todos os trabalhos de confecção de portas, janelas e forros entalhados foram executados pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. São portas e janelas que possuem vidro de cristal bisotê, nos pisos da casa foi instalado mármore branco italiano. O terraço foi conservado na sua forma primitiva, na entrada central foi construída uma escada de dois lados, onde foi instalada uma fonte, de frente para o jardim principal (Nassif, 2023).



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fausp e prolam

Na entrevista, Marisa Morganti não informa o motivo da escolha por Archimedes Dutra para o desenho do projeto da reforma. Porém, presume-se que o motivo tenha sido por relações de amizade, ou mesmo pelo contato com Lino Morganti quando da doação de tijolos para a obra da “13 de Maio” e, talvez pelo prestígio artístico que representava na cidade, visto que a família teria acesso e condições financeiras de contratar arquitetos conceituados, em eventual falta em Piracicaba, na capital paulista ou mesmo no Rio de Janeiro.

Na reforma promovida pelo artista plástico Archimedes Dutra, o casarão principal passou a contar com uma sala de visitas e um escritório com acesso pela extensa varanda, que dão acesso à grande sala de estar, no centro e à sala de jantar à esquerda, ligada à copa (que é uma extensão da varanda) e à cozinha antiga e, à esquerda, há um solário, fechado com vitrais coloridos, que seria originalmente uma extensão da varanda, acessada também por outra escadaria lateral. Cruzando a passarela cercada por um jardim de inverno de cada lado com uma fonte no meio, a casa original recebeu um edifício anexo compreendendo seis dormitórios e três banheiros, sendo um para cada dois deles, onde se instalaram louças sanitárias inglesas; além da nova cozinha ampla ligada à antiga e uma suíte para empregados domésticos e a despensa. Há um acesso independente para esta área íntima, sendo possível aos antigos moradores, entrar para os dormitórios sem passar pelo restante da casa.

A partir de sua participação na Exposição do Mundo Português, Archimedes Dutra teve contato com a obra do arquiteto Raul Lino e, possivelmente, além de visitar o Pavilhão do Brasil, onde expôs seu quadro, pode ter tomado contato com a publicação “Casas Portuguesas”, onde o arquiteto português expõe seu vasto repertório de projetos residenciais.

É possível reconhecer em seu projeto de reforma do palacete da família Morganti, elementos decorativos semelhantes aos publicados no livro de Raul Lino, além da intenção de tentar assemelhar a antiga sede da fazenda colonial à uma quinta portuguesa, já que Dutra utilizou esses elementos tradicionais da arquitetura lusa, em que predomina a ornamentação barroca nos frontões curvos presentes nas fachadas principais e nos demais elementos decorativos, representada igualmente nas quinas curvas, onde se instalaram nichos que abrigam estátuas.



Figura 3 – Palacete da Família Morganti. Fonte: Marcelo Cachioni (2023).



Figura 4 – Palacete da Família Morganti. Fonte: Marcelo Cachioni (2023).

A entrada principal da casa original se configura através de uma escadaria paladiana, onde se encontrava o grupo escultórico e a fonte⁴, havendo também o acesso na lateral direita por outra escadaria lateral com extenso patamar recurvado. Além dos frontões curvos, semelhantes aos encontrados nos projetos das páginas 82 e 86 do “Arquitetura e Construções” de Luiz Muzi, há também óculos e pináculos de inspiração barroca, e acabamentos com azulejos decorativos importados de Portugal nas escadas e nos

⁴ O grupo escultórico e a fonte foram doados à Pinacoteca do Estado de São Paulo quando a propriedade foi vendida pelos Morganti, juntamente com a escultura em bronze do índio tamoió que ficava no jardim.



beirais, assim como os balaústres de louça. Um extenso terraço, remanescente da casa original, cerca a fachada do bloco frontal, tornando o ambiente bastante agradável. Na sala de estar, há um painel do artista plástico Mario Zanini, representando um engenho de cana-de-açúcar. As fachadas da casa anexa, desprovidas da varanda, são marcadas pelas esquadrias de veneziana emolduradas com elementos decorativos semelhantes aos de Raul Lino, em arcos abatidos, em contraste com os vitrais decorativos art-déco da casa original, lembrando que Dutra também trabalhou esse estilo em outros projetos.

O edifício está em processo de tombamento, em reconhecimento ao seu valor histórico e cultural ao povo piracicabano e paulista, juntamente às demais edificações históricas remanescentes da antiga Usina Monte Alegre, no Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba - Codepac e também no Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo - Condephaat.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Archimedes Dutra é reconhecido como artista plástico muito antes de seu falecimento no início da década de 1980, oriundo que é de uma talentosa família de artistas originada de Miguel Dutra. Entretanto, os edifícios que projetou, embora haja incidência de tombamento em nível municipal e processo de tombamento estadual, não garantiram ainda seu reconhecimento como projetista autodidata, pela ausência da reunião de informações mais detalhadas a respeito das suas obras e da motivação de suas escolhas estilísticas e projetuais.

Apesar do contraste de orçamento entre as obras destacadas neste estudo, sendo uma, realizada a partir de doações voluntárias e outra, a partir de verba substancial, é possível perceber a mesma intenção e o mesmo traço de desenho nas fachadas, certamente inspirados em livros e catálogos de propaganda da arquitetura luso-brasileira e neocolonial, resultando em elementos decorativos em comum.

A partir do aprofundamento dos estudos, será possível contribuir com a valorização de obras Neocoloniais em Piracicaba, as quais vêm sofrendo um processo de desaparecimento sistemático nos últimos anos, por meio de reformas ou demolições, por se situarem, em sua maioria, em bairros centrais, cujo interesse imobiliário se sobrepõe ao cultural.

Ao destacar-se mais um importante aspecto da carreira e da obra de Archimedes Dutra, que já alcançou prestígio em demais áreas culturais, educacionais e mesmo política, não somente no cenário piracicabano, mas também estadual, abre-se espaço para maior aprofundamento de estudos sobre suas obras e, igualmente sobre as obras realizadas por



outros profissionais até o momento anônimos, realizadas no mesmo período que ainda aguardam (re)conhecimento.

REFERÊNCIAS

CACHIONI, Marcelo. **Catálogo da Exposição Itinerante: Desenhando o Patrimônio Cultural de Piracicaba**. Piracicaba: Ipplap, 2011.

CACHIONI, Marcelo. **A arquitetura e a arqueologia industrial dos Engenhos Centrais e Usinas na França e no Brasil: recuperação da memória arquitetônica do Engenho Central de Piracicaba**. (Pós Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.

CONDEPHAAT. **Processo de Tombamento do Passo da Via Sacra em Piracicaba**. São Paulo: 1969-.

ELIAS NETTO, Cecílio. **Almanaque 2000**. Memorial de Piracicaba Século XX. Piracicaba: IHGP, 2000.

ELIAS NETTO, Cecílio. **Piracicaba, a Florença Brasileira**. Piracicaba: Icen, 2017.

GUTIERREZ, Susete T. **Anuário dos Artistas Plásticos de Piracicaba: pintura e escultura: 2000**. São Paulo: Igual Editora, 2000.

LINO DA SILVA, Raul. **Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples**. 10. ed. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1933.

MELLO, Francisco de Assis F. **Dicionário Piracicabano de Artistas Plásticos**. Piracicaba: F. de A. F. de Mello, 1999.

MUZI, Luiz. **Arquitetura e Construções**. 3ª Ed. São Paulo: Teixeira, 1949.

NASSIF, João. **Entrevista de João Nassif com Marisa Morganti Ayrosa Falanghe**. Disponível em: <https://historiasdenassif.com.br/2023/10/18/entrevista-de-joao-nassif-com-marisa-morganti-ayrosa-falanghe/2023>. Acesso em 13 mar. 2025.

RANZINI, Felisberto. **Estylo Colonial Brasileiro**. Composições Architectonicas de Motivos Originaes. São Paulo: Editor Amadeu de Barros Saraiva, 1927.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos. **Mundo Português: Imagens de uma Exposição Histórica 1940**. Lisboa: Edições S.N.I., 1956.



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

TRINDADE, Antonio Pereira da. **Exposição do Mundo Português, 1940**. Disponível em: <https://www.livraria-trindade.pt/pt/produtos/mundo-portugues-imagens-de-uma-exposicao-historica-1940-edicoes-sni-lisboa-1956>. Acesso em 21 mar. 2025.

VELLOSO, Augusto Carlos Ferreira. **Os artistas Dutra: Oito gerações**. Presença de mais de dois séculos na arte do Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.